

Autor: Giovanni Vantuil

COMO LER O LIVRO DE DANIEL

PROJETO
TIMÓTEO

Estudo disponível no site: projetotimoteo.org.br

INSTITUTO EVANGELÍSTICO CHARLEY
HUFFMAN

Como ler o livro de Daniel



REINO DE DEUS x REINO DOS HOMENS

Giovanni Vantuil de Almeida

INTRODUÇÃO

Como ler o livro de Daniel é ao mesmo tempo, simples e ousado. É simples porque não pretende ser um comentário versículo por versículo, e sim uma chave de leitura, uma espécie de lanterna que nos ajuda a focalizar e a enxergar no seu conjunto.

O propósito de Deus em contraste com os dos homens. Mas também é uma proposta ousada, pois estimula a ler os textos com pés no chão da existência, jamais perdendo de vista os anseios de vida e liberdade do povo de Deus.

Não tenho a pretensão de ser “mestre” (Mt 23¹⁻¹²) pois a Bíblia não pertence aos “doutores”, mas ao povo. Minha tarefa está sendo a de nos aproximar do povo, acompanhá-lo, sentar junto a ele escutando, perguntando e indicando possíveis caminhos para a compreensão.

Para tanto tive a coragem de sintetizar, num subtítulo, o possível eixo em torno do qual gira o livro em questão.

Preparei este estudo para pessoas que se reúnem em torno da Bíblia, fato este que traduz a presença do Espírito Santo em nossa caminhada. O povo busca hoje o modo adequado de encarar a Bíblia na prática do dia a dia.

Meu esforço é justamente o de ajudá-lo a entender o que está lendo, respeitando o contexto do texto lido, para uma prática saudável do verdadeiro ensino da palavra de Deus.

Espero que este estudo traga luzes para as pessoas, que com coração em verdade e espírito ressoa de novo o louvor a Jesus Cristo. “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi de teu agrado.” (Mt 11²⁵⁻²⁶).

CONTEXTO HISTÓRICO: OS REINOS DA PROFECIA DE DANIEL

O livro apresenta um olhar profético sobre quatro reinos que dominariam o mundo. Eles são representados por quatro metais (Dn 2), e por uma visão de quatro animais (Dn 7). Esses reinos são: a Babilônia, a Média e a Pérsia, a Grécia e a Roma, respectivamente.

Após a queda da Babilônia em 539 a.C. Ciro unificou por volta de 550 a.C o reino da Média quando derrotou o último rei medo Astiages. Na realidade, o livro de Daniel trata a Média e Pérsia como um único reino (Dn 5²⁸; 6^{8,12,15}; 8²⁰).

O primeiro reino é identificado como a Babilônia (Dn 2³⁸), a cabeça de ouro (v.32), e o leão alado (Dn 7⁴). O leão era um símbolo conhecido da realeza babilônica. O arrancar das asas e a subsequente transformação num homem representa a doença (loucura) e a restauração de Nabucodonosor.

O segundo reino, com aparência de urso foi erguido por um dos seus lados (Dn 7⁵). Isso corresponde à dominação persa no império Medo. Persa após a derrota de Astiages diante de Ciro II. O fato de que o urso erguido por um lado simboliza o domínio dos persas sobre os medos. De modo semelhante o carneiro de Dn 8 é representado com dois chifres, um mais longo que o outro identificados como os reis da Média e da Pérsia (v.20). Sob o governo de Ciro e de seu filho Cambises, três reinos foram mastigados, simbolizados nas três costelas na boca do urso (Dn 7⁵). Esses reinos eram a Lídia 546 a.C., o império dos caldeus (539 a.C.) e o Egito 525 a.C.

O terceiro reino representa o império grego, simbolizado pelo o leopardo com asas e quatro cabeças (Dn 7⁶). A rapidez e a agilidade do leopardo (conforme Hc 1⁸ - sobre a Babilônia) simboliza a velocidade de Alexandre, o grande, que conquistou todo o mundo conhecido entre 334 e 323 a.C. Depois de sua morte prematura, o reino foi dividido entre quatro de seus generais, fato, simbolizado nas quatro cabeças do leopardo:

- 1- Cassandro sobre a Grécia e Macedônia;
- 2- Lisimaco sobre a trácia e a Ásia Menor;
- 3- Seleuco sobre a Síria e o oriente médio;
- 4- Ptolomeu sobre o Egito.

O quarto animal diferente de todos os animais anteriores (Dn 7⁷), denota Roma. Os chifres que possuía representa os vários imperadores, conforme tabela.

Imperadores romanos	Governadores e reis da Judeia	Acontecimento do Novo Testamento
1. Augusto 29 a.C.-14 d.C.	Herodes, o grande 37 a.C.-4 a.C. Arquelau 4 a.C.-6 d.C.	* Nascimento de Jesus- 6 a.C.
2. Tibério - 14-37 d.C	Pôncio Pilatos 26-36 d.C.	Batismo de Jesus- 26 d.C. 1ª páscoa no ministério de Jesus. Morte e ressurreição- 33 d.C.
3. Calígula Gaio - 37-41 d.C.		Pentecoste- 33 d.C. Conversão de Paulo- 37 d.C.
4. Cláudio - 41- 54 d.C.	Herodes Agripa I 41- 44 d.C.	* Início do ministério de Paulo- 41 d.C. * Morte de Tiago, Morte de Herodes Agripa I - 44 d.C. * Fome no tempo de Cláudio- 46 d.C. * 1ª Viagem missionária de Paulo 48-49 d.C. * Edito de Cláudio 49-50 d.C.
5. Nero - 54-68 d.C.	Sérgio Paulo Pro cônsul 50 d.C. Félix 52-60 d.C. Pôncio Festo 60-62 d.C.	Conferência em Jerusalém- 50 d.C. 2ª Viagem de Paulo 50-53 d.C. Paulo em Corinto 50-52 d.C. 3ª Viagem de Paulo 54-58 d.C. Paulo em Éfeso 54-57 d.C. Paulo preso em Jerusalém- 58 d.C Paulo na prisão e Cesárea- 58-60 d.C. Paulo preso em Roma- 61-63 d.C. Libertação e atividade de Paulo 63- 65 d.C. Morte de Pedro e Paulo preso morto em Roma 68 d.C.
6. Galba - 68-69 d.C.		
7. Oto - 69 d.C.		Cerco de Jerusalém 68-69 d.C Vespasiano
8. Vítelo - 69 d.C.		
9. Vespasiano – 69-79 d.C.		Destruição de Jerusalém e do templo em 70 d.C. por Tito
10. Tito - 79-81 d.C.		
11. Domiciano – 81-96 d.C.		
12. Nerva - 96-98 d.C.		Morte de João 98 ou 100 d.C.
13. Trajano - 98-117 d.C.		

Um tema interessante dos quatro reinos é que eles se tornam progressivamente grandes variados, violentos e instáveis. A Babilônia é retratada como um reino solidamente unificado enquanto a Pérsia está dividida em duas partes (uma dominando a outra). A Grécia tem quatro cabeças e Roma tem multiplicidade de divisões.

QUANDO FOI ESCRITO O LIVRO DE DANIEL?

Estudos tradicionais sustentam que o livro foi escrito por Daniel no séc. VI a.C. a julgar pelas informações históricas nele contidas. Porém os argumentos comuns para datar Daniel do séc. II a.C. são os seguintes:

1. O livro de Eclesiástico (apócrifo) escrito 180 a.C. cita numerosos heróis do A.T nos capítulos 44-50 mas não Daniel.

2. Belsazar é chamado rei da Babilônia em Dn 5, o rei na verdade era Nabonido.

3. Dário, o medo Dn 5³¹ e capítulo 6 são desconhecido.

4. As histórias sobre a insanidade de Nabucodonosor e da fornalha de fogo são lidas como lendas piedosas- histórias absurdas de milagres comuns nos textos judaicos do período Inter testamental.

5. Metade de Daniel foi escrito em aramaico, idioma que os judeus falavam durante o período Inter testamental. Dn 3 também incluem três palavras gregas indicando que o livro foi escrito depois que a cultura grega invadiu o oriente médio.

Entretanto esses argumentos não são sustentáveis, vejamos o porquê:

1. Eclesiástico também omite o nome de outros judeus famosos, até mesmo de Esdras. Além disso o próprio Jesus Bem Siraque pode ter sido influenciado por Daniel. Em Eclesiástico ele ora “apressa o tempo e lembra-te do teu desígnio” - verbosidade que se assemelha a Daniel 11^{27,35}. Pode ser que Bem Siraque despreocupadamente citou Daniel que é claro, implica que o livro já existia em seu tempo.

2. O livro demonstra familiaridade com a história e a cultura dos séc. VII e VI a.C. Daniel registra corretamente o cargo de Belsazar corregente de Nabonido e assim poderia ter sido chamado de rei em Dn 5¹, mas em Dn 5¹⁶ Belsazar oferece tomar aquele que for capaz de interpretar a escritura na parede. A terceira pessoa mais importante no governo do reino. Como o próprio Belsazar era o segundo no governo, essa era a maior honra que poderia conferir.

3. Dario, o medo não é mencionado por esse nome fora da Bíblia mas é o tipo de quebra-cabeça histórico com que os estudiosos repetidamente deparam nos textos antigos. Já as obras judaicas de ficção religiosa do período Inter testamental carecem de credibilidade histórica de modo que não tem paralelo nas obras históricas. O livro apócrifo de Judite, por exemplo, escrito durante o reinado de Antíoco IV, contém erros históricos absurdos e é completamente distinto de Daniel.

4. A história e a arqueologia não tem condições de provar os milagres de Daniel. Ainda assim, as seguintes observações são pertinentes:

- Os milagres não prova que uma obra é fictícia
- A loucura de Nabucodonosor era uma condição clínica rara, porém autêntica, chamada zooantropia (ver apêndice). Histórias fictícias de milagres contém elementos escandalosos sem analogia clínica. Em Tobias, outro livro apócrifo 2^{9,10} fica cego por causa de estrume de pardal que lhe cai nos olhos.

5. O fato de que a metade de Daniel foi escrita em aramaico é um mistério para qualquer reconstrução de sua história. Mas o aramaico de Daniel é oficial ou imperial- o aramaico padrão usado na correspondência oficial, usado quando era a língua franca do oriente médio. II Rs 18²⁶, Ed 4⁷, Dn 2⁴ não o aramaico coloquial e regional do século II a.C na palestina, quando o idioma comum da região era o grego.

6. As três palavras gregas de Dn3⁵ são termos musicais. Os poetas e músicos gregos eram famosos por isso seu vocabulário musical entrou em uso muito cedo. O que seria surpreendente é haver tão pouco grego em Daniel para um livro escrito o século II a.C. quando o mundo estava completamente helenizado.

7. As palavras persas em Daniel são de uma época mais antiga, pré-helenística.

8. Os rolos do mar morto tem lançado luz sobre Daniel. A caverna 1 de Qumran continha vários fragmentos do livro (1 Qdan) num manuscrito que sugere uma data do século II a.C. Outros fragmentos de Daniel da caverna 4, apresentam um estilo que sugere uma data do fim do período hasmoneu ou início do período herodiano.

E importante que um livro tão incomum, escrito em época tão tardia (165 a.C.) tenha sido aceito e entrado em circulação como escritura autorizada tão rapidamente.

QUEM ESCREVEU O LIVRO DE DANIEL?

O próprio livro nos apresenta Daniel como o autor de várias passagens, como Dn 9²;10². Daniel cujo nome significa “Deus é meu juiz” foi um estadista na corte de reis pagãos levado ao exílio na Babilônia ainda muito jovem na primeira deportação ordenada pelo imperador Nabucodonosor em 605 a.C. A tradição judaica identifica Daniel como o autor de todo “sefer”, rolo, livro que leva o seu nome e o Senhor Jesus Cristo igualmente confirma seu ministério e autoria Mt 24¹⁵, Mc13¹⁴, citando Dn 9²⁷;11³¹; 12¹¹.

Contudo por não ter ocupado o cargo ou desempenhado formalmente a função de profeta entre os israelitas de seu tempo, sua obra encontra-se na terceira divisão da Bíblia hebraica os escritos em vez de na segunda seção, os profetas. Daniel viveu toda sua longa vida como oficial do governo e como profeta de Yahweh, o Deus único e verdadeiro, sendo que jamais abriu mão de seu absoluto compromisso de fidelidade ao eterno Senhor Deus

CONTEXTO TEÓLOGICO

É a soberania de Deus, o Senhor Deus Altíssimo (Dn 5²¹). As visões de Daniel sempre demonstra Deus triunfando Dn 7^{11,26,27}; 8²⁵; 9²⁷; 11⁴⁵; 12¹³. O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo e ele reinará pelos séculos dos séculos Dn 2⁴⁴; 7²⁷.

LITERATURA USADA: APOCALIPTICA

Os apocalipses são escritos típicos de tempos difíceis. Aparecem quando o povo é dominado por uma potência mundial que o ameaça de todos os modos. A dominação se faz em três vertentes básicas: opressão política, diminuindo ou até cancelando a liberdade; a exploração econômica, diminuindo o recurso aos bens da vida; a vigilância ideológica, procurando a todo custo conter a consciência do povo dominado a fim de que este não se rebele e ameace o poder dominador. Essa vigilância ideológica costuma influir grandemente na cultura e na fé do povo dominado pois este sempre vai encontrar na sua história e religião motivos e modelos de resistência e luta.

E a literatura dos dominados, dirigida a despertar e estimular a fé. Tal gênero vinha há muito tempo se formando entre os judeus, à medida que os sucessivos impérios do oriente médio faziam sentir progressivamente o seu peso sufocante.

Podemos dizer que o gênero apocalíptico tem duas fontes básicas: a profecia e a sabedoria. Da profecia ele herda a análise histórica, seja nacional (oráculos contra Israel e contra Judá) seja internacional (oráculos contra as nações estrangeiras). Os apocalipses, literatura típica dos oprimidos contra os dominadores.

Entre os recursos empregados são sonhos, visões, imagens, simbolismos, números e etc.

ESBOÇO

1. O Cativo, fidelidade e ascensão de Daniel e seus três amigos – 1
2. O destino das nações – 2-7
 - O sonho de Nabucodonosor – 2
 - A imagem de Nabucodonosor – 3
 - A grande árvore – 4
 - O último dia do império babilônico – 5
 - Daniel na cova dos leões – 6
 - Os quatro animais – 7
3. O destino de Israel – 8-12
 - O carneiro e o bode – 8
 - As 70 semanas – 9
 - O futuro de Israel – 10-12
 - A mensagem do céu – 10¹-11⁴⁵
 - O tempo do fim – 12¹⁻¹³

MANTENDO SUA PRÓPRIA IDENTIDADE

O primeiro capítulo de Daniel é uma espécie de introdução mostrando os personagens e a situação histórica. Eles vão protagonizar os episódios relatados nos capítulos seguintes e os propõe como modelo de fidelidade ao Deus de Israel. Na corte real da Babilônia, Daniel e seus companheiros de exílio decidem não se contaminar comendo os alimentos que a lei de Moisés declara que são impuros, e Deus, em recompensa lhes concede uma saúde excelente (v.15) e uma sabedoria superior à sabedoria do rei babilônico (v.17,20). O relato mostra como o Senhor protege àqueles que se mantêm fiéis a Ele, mesmo em circunstâncias adversas (Dn 3¹⁹⁻³⁰).

OS SETENTA ANOS DE CATIVEIRO (605-536 a.C.)

- * Inicia o cerco de 20 anos à Jerusalém (606 a.C.).
- * Dn1¹ – A primeira deportação para a Babilônia inclui Daniel, um jovem que se tornaria um profeta importante no cativeiro (605 a.C.).
- * Dn1²⁻³ – Nabucodonosor vai à Jerusalém e se apressa a voltar para casa por causa da morte de seu pai, Nabopolassar – 15/16 agosto (605 a.C.).
- * Nabucodonosor torna-se rei da Babilônia (605-562 a.C.).
- * A profecia do início do cerco. A possibilidade do cativeiro (Jr 25¹⁻⁷). As conquistas da babilônia (Jr 25⁸⁻¹¹).
- * Se você fosse um judeu na Babilônia teria muitas razões para estar triste. Jeremias estava certo o tempo todo. Ele falou a verdade toda vez que o povo achava que ele estava delirando. Palavras a serem escritas (Jr 36¹⁻⁸). Mensagem de Baruque (Jr 45¹⁻⁵).
- * Os egípcios tentam apossar dos espólios dos assírios, seus derrotados pelos Babilônicos em Carquemis (605 a.C.) (Jr 46¹⁻¹²). Esta é a mensagem contra o exército do Egito, à Faraó Neco, que foi derrotado em Carquemis, junto ao rio Eufrates, por Nabucodonosor, rei da Babilônia, no quarto ano do reinado de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá. Nabucodonosor alargou as suas fronteiras (IIRs 24⁷).

- * Daniel decide não contaminar-se [604 a.C.] (Dn 1⁴⁻²⁰).
- * Martírio de Urias (Jr 26²⁰⁻²⁴). Jeremias lamenta por Jeoaquim (22¹³⁻¹⁹). Jeremias proclama um jejum (604 a.C.) (Jr 36⁹).
- * O Sonho de Nabucodonosor e a interpretação de Daniel (604 a.C.).
- * A mensagem de Deus é lida, destruída e depois reescrita (603 a.C.) (Jr 36¹⁰⁻³²)
- * Continuação da mensagem de Jeremias:
 1. O cinto de linho (603 a.C.) (Jr 13)
 2. A seca (603 a.C.) (Jr 14)
 3. A vida solitária do profeta como sinal (603 a.C.) (Jr 16)
 4. A guarda do sábado (603 a.C.) (Jr 17)
 5. A casa do oleiro (603 a.C.) (Jr 18)
 6. A primeira perseguição a Jeremias (Jr 19¹⁻¹⁵; 20¹⁻¹⁸)
- * A rebelião de Jeoaquim (602 a.C.) (2Rs 24¹)
- * Nascimento de Dario, o medo (601 a.C.) (Dn 5³¹)
- * O Egito conquista temporariamente o respeito de Nabucodonosor (601 a.C.)
- * Nascimento de Ciro, da Pérsia (599 a.C.)

Advertências contra as nações:

1. Filisteus e Tiro (599 a.C.) (Jr 47¹⁻⁷)
 2. Moabe (Jr 48¹⁻⁴⁷)
 3. Amonitas (Jr 49¹⁻⁶)
 4. Edom (Jr 49⁷⁻²²)
 5. Damasco (Jr 49²³⁻²⁷)
 6. Quedar e Azor (Jr 49²⁸⁻³³)
 7. Elão (Jr 49³⁴⁻³⁹)
- * Jeoaquim é cercado por vários adversários (598 a.C.) (2Rs 24²⁻¹⁴)
 - * Segunda deportação à Babilônia (598 a.C.) (2Cr 36⁶⁻⁷; Jr 52²⁸).
 - * Morte de Jeoaquim (598 a.C.) (2Cr 36⁶⁻⁷; Jr 36⁸)
 - * Jeoaquim – mau – uma vida de pecados [598 a.C.] (2Rs 24⁸⁻⁹, 36⁹)
 - * Seu cativo previsto por Jeremias (Jr 22²⁴⁻³⁰)
 - * Terceira Deportação: 10.000 cativos, incluindo Jeoaquim, Ezequiel, Mordaque e os utensílios tirados do templo; a rebelião é sufocada. (598 a.C.) (2Rs 24¹⁰⁻¹⁶) – (597 a.C.) (2Cr 36; Et 2⁶).

- * Zedequias – mau – 11 anos (597-586 a.C.)
- * Uma vida de pecados rebela-se contra Nabucodonosor (2Rs 24¹⁷⁻²⁰; 2Cr 36¹¹⁻¹⁶; Jr 37¹⁻², 52¹⁻²).
- * O cerco é profetizado – previsto o cativo na Babilônia (Jr 21¹⁻¹⁴)
- * Mensagem definitiva acerca dos reis (Jr 22¹⁻²³) e dos pastores infiéis (Jr 23¹⁻⁴⁰)
- * A restauração parcial de Judá (Jr 24¹⁻⁴)
- * Zedequias será levado cativo (Jr 27¹²⁻²²)
- * A carta aos Exilados (Jr 29¹⁻³²)

RESUMO DO CATIVEIRO DE ISRAEL

- * O sofrimento (597 a.C.) (Jr 30¹⁻¹⁷)
- * Restauração (Jr 30¹⁸⁻⁴⁰)
- * A falsa profecia de Hananias – promessa de retorno dos exilados (594 a.C.) (Jr 28¹⁻¹⁶)
- * A morte de Hananias (594 a.C.) (Jr 28¹⁷)
- * As profecias de Ezequiel estão relacionadas com as profecias de Jeremias e Daniel. Ele profetiza para o povo no exílio (593-591 a.C.)
- * A queda de Jerusalém (586 a.C.) (Jr 38²⁸)
- * A fome predomina (2Rs 25³; Jr 52⁶)
- * A vinda dos oficiais da Babilônia (Jr 39²⁻³)
- * Zedequias foge (2Rs 25⁴; Jr 39⁴, Jr 52⁷)
- * Perseguição e captura pelos caldeus (2Rs 25⁵; Jr 39)
- * Muitos são mortos (2Cr 36¹⁷)
- * Zedequias e seus filhos levados a Ribla (Jr 52⁹)
- * Os filhos de Zedequias são executados (Jr 39⁶, 52¹⁰)
- * Zedequias teve os olhos furados e foi deportado para a Babilônia (Ez 12¹³⁻¹⁴; 2Cr 25⁶⁻⁷; Jr 39⁷, 52¹¹)
- * O templo e os muros da cidade são destruídos; Jerusalém é saqueada pela quinta vez, agora por Nebuzaradã (586 a.C.) (2Rs 25⁸⁻¹⁰; 2Cr 36¹⁹; Jr 39⁸, 52¹²⁻¹⁴)
- * Quinta deportação – os pobres são deixados para trás (2Rs 25¹¹⁻¹²; 2Cr 36²⁰⁻²¹; Jr 39⁹⁻¹⁰, 52¹⁵⁻¹⁶; Sl 94)

- * Ornamentos e tesouros do templo levados para a Babilônia (2Rs 25¹³⁻¹⁷; 2Cr 36¹⁸; Jr 52¹⁷⁻²³)
- * Sexta deportação para Ribla – sacerdotes capturados, inclusive Sofonias (2Rs 25¹⁸; Jr 52²⁴; Sl 74)
- * Jeremias lamenta o destino de Jerusalém [582 a.C.]
- * A descrição da aflição de Judá (Lm 1)
- * O terrível castigo de Deus sobre o seu povo (Lm 2)
- * Jeremias aceita o castigo e clama por misericórdia (Lm 3)
- * O castigo obscurece a beleza dos escolhidos de Deus (Lm 4)
- * Judá clama por restauração (Lm 5)

O CATIVEIRO-PERÍODO SEM TEMPLO

Eventos em Jerusalém

1. Gedalias é nomeado governador em Judá (II Rs 25²²⁻²⁴).
 2. A condição de Jeremias- os babilônicos demonstram bondade para com ele (Jr 39¹¹⁻¹³) temporariamente cativo em Ramá (Jr 39¹⁴; Jr 40¹⁻⁵).
- * Jeremias fica em Jerusalém para ministrar aos pobres (Jr 40⁶⁻¹²).
 - * Insurreição causa a morte de Gedalias em Mispa 586 a.C. Jr 40¹³⁻¹⁶; Jr 41¹; II Reis 25²⁵; Jr 41²⁻⁹.
 - * Ismael tenta levar prisioneiros para Amom (Jr 41¹⁰⁻¹⁵).
 - * Jeremias relutante segue os rebeldes até o Egito 586 a. C. II Rs 25; Jr 41¹⁶⁻¹⁸; Jr 42³; Jr 43¹³.
 - * Profecia contra Egito Jr 46¹³⁻²⁸.
 - * Os judeus no Egito Jr 44¹⁻³⁰.
 - * Tiro é invadida por Nabucodonosor 585-573 a.C.
 - * Saqueia Moabe e Amom 582-581 a.C. Sétima deportação. Mais de 745 cativos Jr 52³⁰.
 - * A imagem de ouro de Nabucodonosor e fornalha em chamas 580 a. C. Dn 3.
 - * O manifesto de Nabucodonosor Dn 4.
 - * Destruição completa de Tiro por Nabucodonosor 573 a.C.
 - * Nabucodonosor e a visão da árvore, seu segundo sonho 570 a. C. Dn 4⁴⁻²⁷.
 - * Nabucodonosor invade o Egito Jr 43⁸⁻¹³; Jr 46¹³⁻²⁶ 569- 570 a.C.
 - * Os sete anos de loucura de Nabucodonosor 569- 562 a.C. Dn 4²⁸⁻³³.

- * Conversão de Nabucodonosor e sua morte.
- * Evil-Merodaque é seu sucessor 562-561 a. C. Dn 4³⁴⁻³⁷.
- * Joaquim é libertado da prisão 561 a.C. II Rs 25²⁷; Jr 52³¹.
- * Joaquim é tratado com bondade II Rs 25²⁸⁻³⁰; Jr 52.
- * Nascimento de Salatiel 561 a.C.
- * Morte de Jeremias com 90 anos 560 a.C.
- * Maiores líderes da época:
 1. Evil-Merodaque é assassinado. Neuglissar começa a reunir na Babilônia 560-556 a. C.
 2. Ciro reina na Pérsia 559-529 a. C.
 3. Nascimento de Buda 557 a. C.
 4. Nabucodonosor reina na Babilônia, na maior parte do tempo em corregência com o filho Belsazar 556-539 a.C.
 5. Nascimento de Confúcio 551 a.C.

DANIEL: GUIA PRÁTICO

O livro de Daniel é historicamente confiável e escrito no início do período Persa, 530 a.C. Escreveu a seus companheiros judeus exilados na Babilônia para lembrá-los do controle soberano de Deus sobre a história mundial e encorajá-los com promessas de Deus de restauração.

O povo de Deus se encontra no momento presente que o livro foi escrito sujeitos a impérios humanos injustos, autores de normas opostas a vontade de Deus, a governos que para atingirem seus objetivos perseguem, torturam e até matam os que confessam sua fé (Dn 7²⁵).

Mas vira o dia em que este mundo será desfeito e repentinamente se manifestará a ira de Deus sobre os ímpios Dn 12² e esses dominadores deixarão de existir e no seu lugar: “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno Dn 7²⁷.”

Capítulo 1

1¹⁻²¹ – Leitura explicativa do texto. Não diga porque sou jovem.

1¹⁻⁷ – Os fatos se passaram na corte de Nabucodonosor, na Babilônia, depois do ataque a Jerusalém no ano terceiro do reinado de Jeoaquim. Nabucodonosor ordenou que seus servos preparassem vários jovens judeus para assistirem em seu palácio com homens de sabedoria e ciência. Entre eles estavam Daniel (Deus é meu juiz), Hananias (Deus é meu Senhor), Misael (Quem é como Deus?), Azarias (Auxiliar do Senhor). Receberam outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar (príncipe de Bel); a Hananias, o de Sadraque (inspirador do Sol); a Misael, o de Mesaque (servo da lua); e a Azarias, o de Abede-Nego (Servo de Nego). Como parte de sua preparação, os jovens deveriam comer das finas iguarias da mesa real e beber do mesmo vinho que o rei. É provável que esses alimentos incluíssem carnes proibidas pela lei do Antigo Testamento, ou talvez estivessem associados ao culto a ídolos.

1⁸⁻¹² – Daniel recusou a ingerir os alimentos indicados e pediu permissão para ele e seus amigos comerem legumes e beberem água. Aspenaz (que não entendia a lei de Moisés) ficou temeroso com a ideia pois sabia que sua vida estava em perigo se o plano não funcionasse.

1¹³⁻²¹ – Não obstante, atendeu ao pedido de Daniel e no final de um período de 10 dias quando os jovens foram levados a presença do rei, mostraram dez vezes melhores do que todos os sábios da Babilônia. Deus lhes concedeu o conhecimento e inteligência em toda a cultura e sabedoria, mas a Daniel de inteligência para interpretar sonhos e visões.

Para usar em pequenos grupos

1. Qual é a história do nome que seus pais lhe deram?
2. Quando criança qual era a sua comida predileta?

TEXTO Dn 1¹⁻²¹ – Treinamento de Daniel

1. Como esses Israelitas foram escolhidos e treinados para o serviço especial do rei (v.3-7)? Como o rei procurou dominar suas mentes? Seus corpos? E sua lealdade?
2. O que significa dar um novo nome a uma pessoa?
3. Por que Daniel resiste a essas tentativas do rei (v.8)?
4. Qual a solução proposta por Daniel e os riscos que ele correu?
5. Por que Daniel superou seu 1º teste na Babilônia?
6. Como ele mostra sua lealdade a Deus e aos seus companheiros?

Conclusão

Quando sua fidelidade é colocada à prova, o que você tende a fazer? Por quê?

Capítulo 2

Como você lida com seus problemas, conflitos?

2¹⁻¹³ – Nabucodonosor teve um sonho e ordenou que lhe revelassem não apenas a interpretação, mas o sonho propriamente dito. Quando seus sábios não foram capazes de lhe relatar o sonho, nem o significado, o rei pronunciou sentença de morte sobre todos os sábios da Babilônia, inclusive Daniel e seus companheiros.

2¹⁴⁻³⁰ – Em resposta a orações, o Senhor revelou a Daniel numa visão de noite o conteúdo e a interpretação do sonho do rei. Com gratidão e louvor, Daniel bendisse o nome de Deus, e em seguida procurou Anoque para suspender a matança dos sábios. Quando Daniel foi introduzido na presença do rei relatou que Deus lhe havia revelado o mistério.

2³¹⁻³⁵ – Declarou que o rei tinha visto uma grande estátua: a cabeça era de fino ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés, em parte de ferro e em parte de barro. Ele também viu uma pedra cortada sem auxílio de mãos destruir a estátua e se transformar em grande montanha, que encheu toda a terra.

2³⁶⁻⁴⁵ – A imagem representa quatro potências mundiais:

1. Babilônia, era a cabeça de ouro,
2. Os braços de prata eram a Pérsia e a Media,
3. A Grécia era o ventre e os quadris de bronze,
4. As pernas e os pés de ferro simbolizavam o império Romano.

A pedra é Cristo que se transformou numa grande montanha (seu reino, a igreja) que jamais será destruída.

2⁴⁶⁻⁴⁹ – Daniel foi nomeado governador e seus companheiros assessores.

Para usar em pequenos grupos

Qual é o sonho que você mais se lembra ou mais estranho que você já teve?

TEXTO Dn 2¹⁻⁴⁹ _ O sonho e sua interpretação

1. O que o rei pergunta aos seus sábios (v. 1-3). Por que ele testa a competência dos sábios (v.4-13)? Por que o rei fica tão firme? Tão bravo?
2. Enfurecido o que decide fazer (v.12-13)? Como se porta diante de tal decisão?
3. Qual é a importância da fé de Daniel aceitar o desafio mortal de interpretar o sonho do rei? E das orações do grupo? E da revelação especial de Deus?
4. O Salmo de louvor de Daniel expressa fé pessoal ou adoração em grupo? Por quê?
5. Por quais atributos ele louva ao Senhor? Por quê? O que isso mostra sobre Deus? E sobre Daniel? E sobre o valor da intercessão das ações de graças e do compartilhar as bênçãos.
6. Por que Daniel louva ao Senhor especialmente pela sua sabedoria e poder? Qual a relação disso com as reclamações dos “sábios reais”?
7. Compare Daniel e esse rei com José e o Faraó (Gn 41) em que eles são iguais? E diferentes?

Conclusão

1. Quem ou o que exige muito de você?
2. Você lembra dos seus amigos só quando você está em aflição? Ou como Daniel você compartilha também seu sucesso?
3. Poder e sabedoria. Como esses atributos se comparam as bênçãos de Deus sobre você?

Capítulo 3

Quando Deus não nos livra das tribulações, ele nos acompanha ao longo delas.

3¹⁻⁷ – Nabucodonosor fez uma imagem de ouro de 30 metros e a colocou no campo de Dura. Ordenou que, ao ouvirem o som dos instrumentos musicais, todos os homens deveriam se prostrar e adorar a imagem. Quem não lhe prestasse culto seria lançado na fornalha de fogo ardente.

3⁸⁻¹² – Por serem fiéis, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não adoraram o ídolo, e alguns caldeus os denunciaram.

3¹³⁻²¹ – Nabucodonosor lhes deu a oportunidade de mudar de ideia, mas eles recusaram. Sua certeza de livramento é extraordinária. Mesmo se o Senhor não os livrasse permaneceriam fiéis a ele. O rei ordenou portanto que se acendesse a fornalha sete vezes mais quente do que de costume e que os três judeus fossem lançados dentro dela com todas as vestimentas.

3²²⁻²⁵ – A fornalha estava tão quente que os homens que lançaram os três lá dentro morreram. Espantado, Nabucodonosor olhou dentro do fogo e viu quatro homens, o quarto semelhante a um “filho dos deuses”. A meu ver, não obstante o modo em que o rei interpretou o que viu, tratava-se, na verdade o filho de Deus.

3²⁶⁻³⁰ – Os judeus escaparam ilesos. O fogo queimou apenas as cordas que os atavam. Semelhantemente, as aflições são usadas por Deus para o nosso aperfeiçoamento. Impressionado Nabucodonosor proibiu todos de falarem contra Deus dos judeus e fez os três jovens prosperarem na província da Babilônia, apesar de haverem se recusado a cumprir a palavra do rei.

Para usar em grupos pequenos

1. Você se lembra da ocasião em que mais sentiu calor?
2. O que lhe parece mais ameaçador: fogo, acidente ou altura?
3. Quem são os seus melhores amigos, com os quais está sempre?

TEXTO Dn 3¹⁻³⁰ – Daniel e seus amigos foram escolhidos para servir ao rei da Babilônia. Agora o rei Nabucodonosor manda fazer uma grande imagem de ouro diante da qual todos os habitantes deveriam se ajoelhar e adorar.

1. O que você mais admira nesses três jovens desta história?
2. Quem ou o que era a quarta figura na fornalha?
3. A reação de Nabucodonosor frente o livramento indica o que?
4. O que você faria se tivesse que escolher entre se ajoelhar diante de uma imagem ou ser jogado numa fornalha?
5. Qual foi a experiência mais ardente pela qual já passou? Como se saiu?
6. Em que área da sua vida você se sente mais pressionado a ceder às pessoas e comprometer suas convicções?
7. Em que área de sua vida você sente que Deus esta lhe pedindo para tomar uma posição?

Conclusão

Como este grupo pode se posicionar ao seu lado e orar por você?

Capítulo 4

O homem que não teme a Deus está destinado a pastar.

4¹⁻⁹ – Aqui o rei Nabucodonosor dá testemunho da grandeza do Deus Altíssimo e passa por uma experiência que o levou à conversão (vs.1-3). O rei teve um sonho que seus sábios não conseguiram interpretar. Daniel foi chamado e o sonho foi revelado.

4¹⁰⁻¹⁵ – Viu uma árvore alta, bela e cheia de frutos. Ela chegava até os céus e se espalhava até

confins da terra. Um vigilante, um santo, que descia do céu, ordenou que a árvore fosse cortada e deixasse apenas a cepa com as raízes.

4¹⁵⁻¹⁸ – Em seguida, o santo descreveu um homem que perdeu o juízo e, por sete anos, se tornou semelhante a um animal selvagem.

4¹⁹⁻²⁶ – Daniel informou que a árvore representava o rei e seu império, que ele perderia o trono e sofreria de demência por sete anos (o termo médico para esse distúrbio é zooantropia). A preservação da cepa indica que Nabucodonosor seria restaurado.

4²⁷⁻³⁷ – Daniel aconselhou o rei a mudar de atitude. Depois de doze anos de impenitência da parte de Nabucodonosor, o sonho se cumpriu e, por sete anos, Nabucodonosor viveu como um animal. Ao fim daqueles dias, o rei se voltou para Deus, o reconheceu como Altíssimo, que vive para sempre, e foi restaurada a imagem de seu reino.

Capítulo 5

Como será o seu último dia nessa terra?

5¹⁻⁴ – Belsazar, filho de Nabonido e Neto de Nabucodonosor (pai, no versículo 2 pode significar avô), ofereceu um grande banquete idólatra, no qual profanou os utensílios sagrados, de ouro e de prata, que Nabucodonosor havia levado do templo em Jerusalém. O rei Belsazar e sua corte beberam vinho até ficarem embriagados e deram louvores a deuses de ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra.

5⁵⁻⁹ – Enquanto os convidados farreavam e se embriagavam, apareceram uns dedos de mãos de homem e escrevia na parede. Amedrontado, o rei ofereceu um monte de purpura, uma cadeia de ouro e uma promoção para quem interpretasse a inscrição.

5¹⁰⁻¹⁶ – Daniel foi convocado para interpretar a escritura, pois ele tinha um espírito excelente, conhecimento e inteligência.

5¹⁷⁻²⁴ – Depois de uma aula de história e depois de repreender a Belsazar por haver profanado os utensílios do templo de Deus; Daniel lhe dá uma aula de literatura e tradução revelando a escritura e seu significado.

5²⁵⁻³¹ – A inscrição na parede dizia: “MENE, MENE, TEQUEL E PARSIM”.

“MENE” – Quer dizer “*contados*”. Deus contou o império da Babilônia e deu cabo dele.

“TEQUEL” – “*Pesado*” na balança e achado em falta.

“PARSIM” – Plural de “Peres”, que significa “*dividido*”. O reino de Belsazar foi dividido e dado aos Medos e Persas. Naquela mesma noite, os exércitos medo-persas invadiram Babilônia, mataram Belsazar e acabaram se tornando a nova potência mundial, sob o governo de Dario, o medo.

Capítulo 6

Cuidado com bajulações.

6¹⁻³ – Daniel se encontra na corte Persa. O rei Dario o nomeou um dos três presidentes sobre os cento e vinte sátrapas que administravam as províncias do império. Graças ao espírito excelente de

Daniel, Dario pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino.

6⁴⁻⁸ – Alguns governantes, movidos por inveja de Daniel, sabendo que era impossível culpá-lo de algum crime real, convenceram ao rei publicar um decreto, proibindo que se orasse a qualquer Deus ou a qualquer homem num período de trinta dias, senão ao rei Dario, e quem desobedecesse ao decreto seria jogado na cova dos leões. Uma vez sancionado e transformado em lei, o decreto se tornava irrevogável. A fidelidade de Daniel é um desafio para nós.

6⁹⁻¹³ – Dario assinou o decreto, mas Daniel continuou a orar ao Senhor três vezes por dia, fato que seus inimigos se apressaram em relatar ao rei.

6¹⁴⁻¹⁷ – Até ao pôr do sol, Dario se empenhou para livrar Daniel da condenação, mas o decreto era inalterável e o rei se viu obrigado a ordenar que Daniel fosse jogado na cova dos leões.

6¹⁸⁻²⁸ – Dario passou a noite em Jejum e, pela manhã, ao romper do dia, levantou-se o rei, e preocupado foi com pressa à cova dos leões, chegando lá encontrou Daniel vivo e ileso.

Como sempre fazia, o profeta deu glória ao Senhor.

O rei ordenou, então, que os acusadores de Daniel fossem jogados na cova e os leões os devoraram.

Como resultado, Dario publicou um decreto aos povos, nações e homens de todas as línguas dizendo que honram e temam ao Deus de Daniel.

Capítulo 7

Sonho de Daniel: quatro bestas representam quatro impérios

7¹⁻⁴ – Os quatro animais que subiam do mar. O leão retrata a Babilônia. As asas de águia representam a rapidez da conquista. O fato de serem arrancados pode ser uma alusão à demência de Nabucodonosor, e o restante do versículo 4 talvez fale da sua recuperação.

7⁵ – O Urso simboliza a Media-Pérsia. Os persas se destacaram mais do que os medos. As três costelas que trazia na boca, são reinos que foram mastigados. São eles: Lidia 546 a.C., Caldeus 539 a.C., Egito 525 a.C.

7⁶ – O leopardo com asas e quatro cabeças representa o império grego – a rapidez e agilidade do leopardo simboliza a velocidade de Alexandre, o grande, que conquistou todo o mundo conhecido entre 334 e 332 a.C. Depois da sua morte, o reino foi dividido entre quatro dos seus generais; representado pelas quatro cabeças do leopardo: Cassandro: sobre a Grécia e Macedônia; Lisimaco: sobre a Trácia e Ásia Menor; Selêucidas: sobre a Síria e o Oriente Médio, Ptolomeus – sobre o Egito.

Os Ptolomeus foram uma dinastia de reis gregos que começaram a governar o Egito após a morte de Alexandre, o grande, até o tempo em que o Egito foi anexado a Roma. Sua história datada do século 3 a.C., está conectada intimamente à da região hoje conhecida como Palestina. Os Ptolomeus governaram a Palestina e, portanto, Jerusalém, de 323-200 a.C.

Os Ptolomeus mais importantes foram:

1. Ptolomeu I - Sóter (323-301-282 a.C.) – Imediatamente após a morte de Alexandre, o grande, em 323 a.C., Ptolomeu I, que era um dos seus generais, tomou o controle da administração do Egito assumindo o título de rei [305 a.C.]. Ptolomeu que era muito inteligente, depois de ter tomado o domínio rico e relativamente isolado – o Egito – deu início a uma dinastia que durou mais de dois séculos. Sua capital Alexandria era uma cidade grega situada no Egito. Ptolomeu é o rei do sul (Dn 11⁵).

2. Ptolomeu II – Filadelfo (282-246 a.C.) – Seus reinado foi próspero e marcado por impressionantes projetos de construção, como a finalização do farol de Alexandria e da famosa biblioteca. Também se engajou em guerras com os selêucidas, pelo controle da Palestina e da Anatólia. Ptolomeu II trabalhou muito para estabelecer a cultura e a educação grega no Egito e em outros lugares, mas deixou seus súditos gregos ofendidos quando se casou com a própria irmã, Arsinoé.

3. Ptolomeu III - Euegeta (246-222 a.C.) – Seu reinado foi marcado por guerras contra os Selêucidas, provocadas pelo fato de que o rei selêucida – Seleuco II – assassinou a irmã de Ptolomeu III, Berenice e o filho dela. Berenice é a “filha do rei do sul” (Dn 11⁶).

4. Ptolomeu IV - Filapátor (222-205 a.C.) – Esse rei é, as vezes, descrito como um governante fraco, embora tenha derrotado Antíoco III, da Síria, em Ráfia (217 a.C.). Ele incorporou tropas Egípcias ao seu exército (em vez de usar apenas soldados gregos), e alguns acreditam que esse ato espalhou a semente de futuras revoltas dos egípcios. Ptolomeu IV é o rei do sul de Daniel 11³¹.

5. Ptolomeu V - Theós Epifânio (204-180 a.C.) – durante a sua administração, a Palestina foi deixada para os Selêucidas (200 a.C.). A pedra de Roseta comemora sua coroação.

6. Ptolomeu VI - Filomentor (180-145 a.C.) – Durante o seu reinado, o controle Ptolomeu do Egito quase entrou em colapso. Antíoco IV conquistou sua passagem para Mênfis, no Egito, por volta de 168 a.C. e sem dúvida teria tomado o controle do país, não fosse sua expulsão por uma delegação de Roma.

O poder Ptolomeu se declinou depois que os membros da família real começaram a lutar entre si pelo poder e, ainda, Roma passou a ter mais influência nos negócios do Egito. O último Ptolomeu a governar o Egito, foi a famosa Cleópatra VII (57-30 a.C.). Inteligente e engenhosa foi a única da dinastia dos Ptolomeus a conquistar a lealdade dos egípcios, por aprender a falar o idioma deles, mas também assassinou seu irmão Ptolomeu XIV para chegar ao trono. Ela se beneficiou do seu envolvimento sexual com Júlio Cesar e depois com Marcos Antônio para melhorar sua posição política no relacionamento com Roma. Sua aliança com Marcos Antônio, entretanto, decretou sua ruína, quando ele foi derrotado por Otaviano (Augusto) em Ácio (31 a.C.), ela cometeu suicídio quando percebeu que Otaviano marchava implacavelmente em direção a ela.

7⁷⁻⁸ – O quarto animal poderoso e destruidor era diferente dos outros, mas apresentava algumas de suas características. Daniel o descreve como um ser terrível, espantoso e sobremodo forte, com grandes dentes de ferro. Trata-se de uma referência ao império romano. Os dez chifres são os dez imperadores romanos. O pequeno chifre que subiu no meio dos outros é o décimo primeiro imperador romano, chamado Domiciano (81-96 d.C.). Os três chifres que foram arrancados são: Galba

(67-68 d.C.), Oto (68 d.C.) e Vitelo (68 d.C.)

7⁹⁻¹⁴ – Daniel fala do Reino de Deus; o reino glorioso do Senhor Jesus Cristo, o qual esmiuçara todos os reinos humanos. A descrição do Ancião de Dias se refere a Deus e um como Filho do Homem – o Senhor Jesus. O Senhor Jesus recebe domínio universal, glória, e um reino que jamais passará, jamais será destruído.

7¹⁵⁻¹⁸ – Os quatro animais são quatro reinos, mas seriam sucedidos pelo reino eterno do Altíssimo e seus santos.

7¹⁹⁻²² – Daniel pergunta especificamente a respeito do quarto animal que excede aos outros em crueldade, dos dez chifres e do outro chifre pequeno que subiu diante do qual caíram três. Ele viu o chifre pequeno fazer guerra contra os santos, até que veio o Ancião de Deias e acabou com o sofrimento deles e lhes deu o reino.

7²³⁻²⁸ – O intérprete explica sobre o quarto animal, sobre os dez chifres e ainda sobre o pequeno chifre insolente. Por três anos e meio, o último blasfemarà contra o Altíssimo, perseguirá os santos e tentará mudar o calendário judaico. Identificamos o quarto animal, como já dissemos, como sendo Roma, com seus dez imperadores; e o pequeno chifre sendo Domiciano que perseguiu a igreja (o Reino de Deus – numa escala mundial).

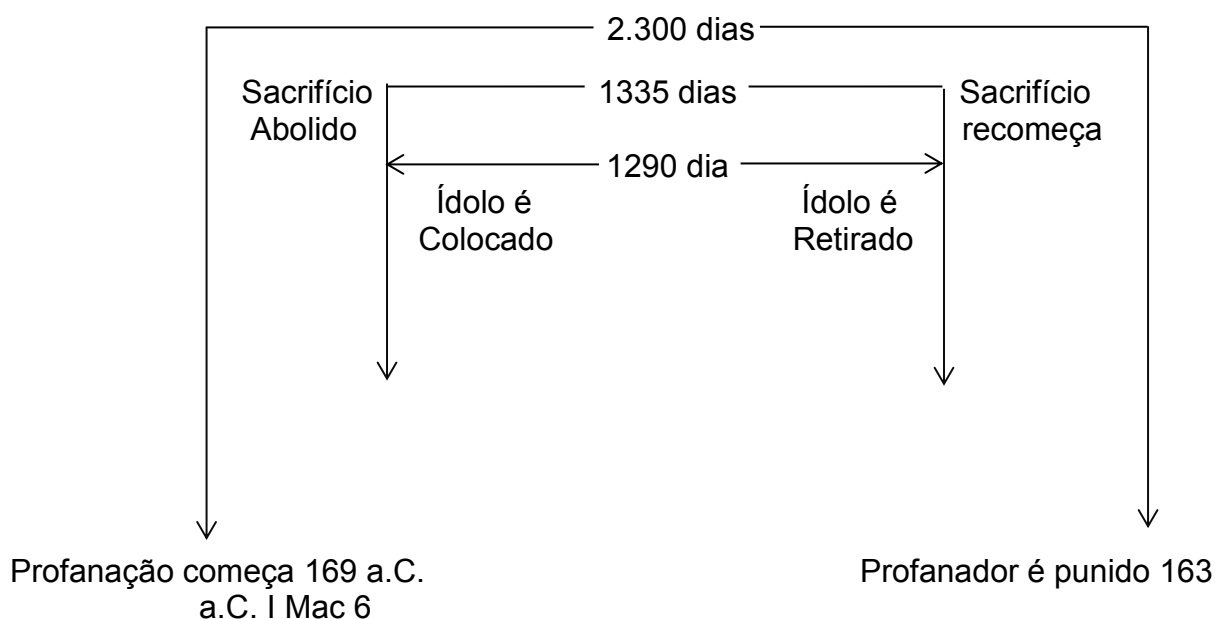
Capítulo 8

A visão de Daniel. O carneiro e o bode 548 a.C.

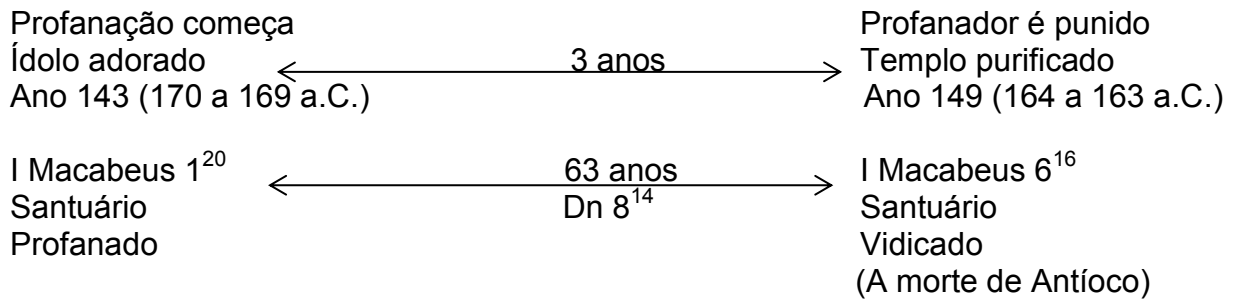
8¹⁻⁴ – Daniel teve a visão de um carneiro e um bode. O carneiro com dois chifres um maior que o outro representa os reis da Media e da Persa (v.20 - 336 a 333 a.C.) Um dos chifres era mais alto que o outro, indicando que o rei da Persa se tornaria mais poderoso. O carneiro se pôs a conquistar território para o ocidente e para o norte e também para o sul, parecia impossível resistir ao seu poder.

8⁵⁻⁸ – Todavia um bode (Grécia V.21 – 331 a 63 a.C.) vindo do ocidente realizou ataques repentino e furioso. Tinha apenas um chifre notável (Alexandre o grande) o bode derrotou o carneiro e realizou conquistas tremendas. Quando Alexandre o grande morreu, seu reino foi dividido em quatro partes, retratados pelos quatro chifres notáveis, que surgiram para os quatro ventos do céu.

8⁹⁻¹⁴ – Posteriormente um deles foi dominado pelo chifre pequeno (Antíoco Epifânio IV) cujo sucesso militar o levou para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa (Palestina). O versículo 10 descreve a perseguição dos judeus por Antíoco Epifânio. Blasfemou contra o Senhor, fez cessar o sacrifício diário em Jerusalém e profanou o templo, Daniel descobriu que essa profanação continuaria por duas mil e trezentas tardes e manhãs. Esse fato ocorreu entre 171 a 165 a.C.



Os 2.300 dias de Daniel 8¹³⁻¹⁴ Antíoco Epifânio profana o templo de Deus e persegue o povo de Deus durante 2.300 dias.



A visão do carneiro e do bode Dn 8⁵⁻²⁵

Medo – Persa 536 – 331 a.C. Dn 8 ²⁰	Grécia 331-63 a.C. Dn 8 ²¹
--	---

Os quatro chifres e o pequeno chifre. Dn 8^{8-12, 21-25}

Quatro divisões do reino grego.

- 1 – Cassandro - Macedônia e Grécia
- 2 - Lisimaco - Tracita e Capadócia
- 3 – Ptolomeu - Egito
- 4 - Seleuco - Síria e Babilônia.

O pequeno chifre sai de Seleuco: Antíoco IV Epifânio.

Dois perseguidores do povo de Deus

Dn 8 * Sai o império grego * Sai das quatro divisões do saia do império grego. * Tirou o sacrifício do Santuário *A visão de Daniel e sua interpretação. Os quatro animais Dn 7 - Salmos do cativoiro 67, 123, 130,137. * Ciro unifica os medos e os Persas. 549 a.C.	Dn 7 * Sai do império Romano *Sai dos 10 reis romanos (Roma não império grego). *Tirou 3 reis (não o sacrificou)
--	---

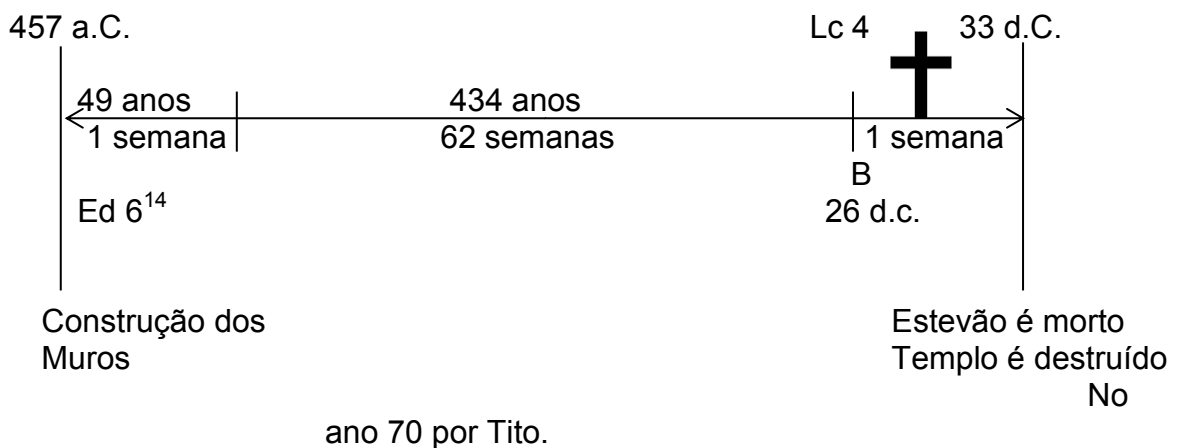
- * A queda da Babilônia: profetizada com bastante antecedência Isaias e Jeremias mortes 539 a.c.- Is 13¹⁷⁻²², Jr 25¹²⁻¹⁴, Jr 50¹ - Jr 51
- * O grande banquete Dn 5¹⁻⁴
- * A escrita na Parede Dn 5⁵⁻¹⁶
- * A interpretação de Daniel Dn 5¹⁷⁻²⁹
- * A Babilônia cai diante de Dario, o medo. Dn 5³⁰
- * Ciro entra na cidade 539 a.C.

Pérsia – Potência mundial 539-333 a.c.: segundo império mundial profetizado por Daniel

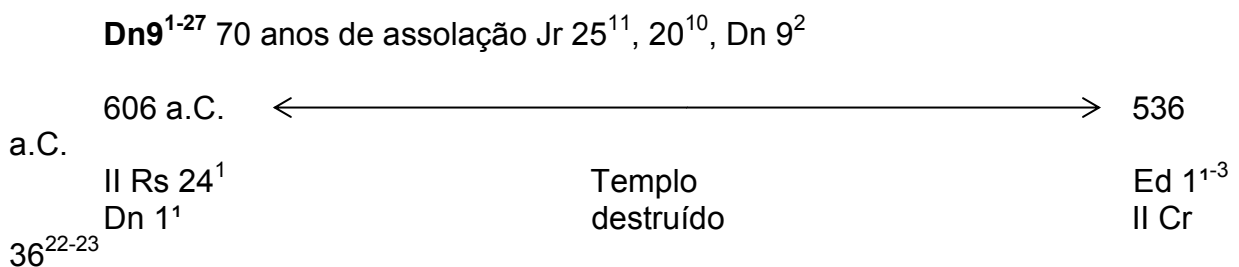
Continuação do reinado de Ciro e Dario o Medo. 539 – 529 a.C. Is 44²⁸, Dn 1²¹, Dn 11¹

A oração de Daniel 9

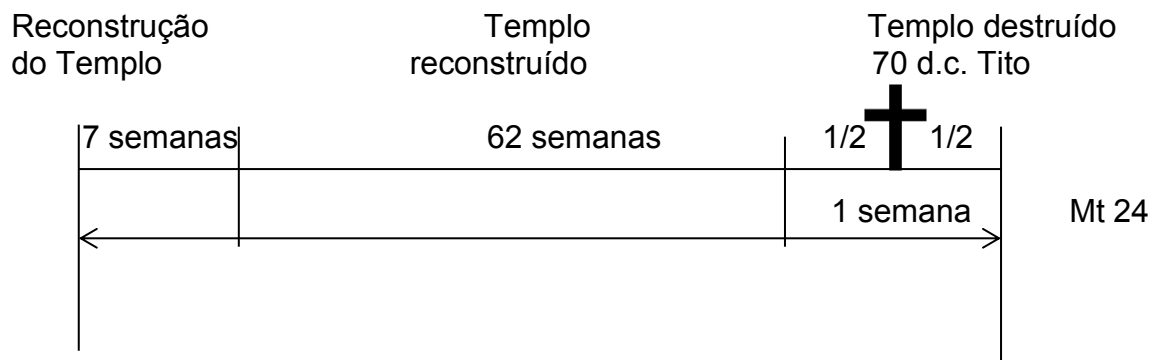
A visão de Daniel as 70 semanas de anos Dn 9²⁰⁻²⁷, SI 102.



A visão de 70 anos e 70 semanas sobre Jerusalém



70 anos antes da próxima assolação



Futuro de Jerusalém – Dn 9

- 1 – A descoberta dos 70 anos templo destruído Dn 9¹⁻²
- 2 – Confissão Dn 9³⁻¹⁹
- 3 – A visão das 70 semanas Dn 9²⁰⁻²⁷

Objetivo das 70 semanas:

- Fazer cessar as transgressões I Jo 3⁵
- Dar fim ao pecado Hb 9²
- Expiar a iniquidade I Jo 2³
- Trazer justiça eterna II cor 5²¹, Jr23⁵⁻⁶
- Selar a visão e a profecia Hb 1, Jd 6, Ef 4¹⁻⁶
- Ungir os santos dos santos Hb 9^{11, 12, 23}
- A voz final de Deus para a humanidade é Jesus Cristo. Não há revelação hoje em dia

Obs.: Sete semanas é lembrada porque não há um equivalente no hebraico exato no idioma, o que significa um período de 7 semanas. Anos o contexto determina: Lv 25¹⁻⁴, Lv 26¹⁸

- 1 – 7 Semanas construção do templo.
- 2 – 62 semanas até o unguento.
- 3 – ½ da última semana da morte do Messias.
- 4 – Termina com a destruição do templo por Tito no ano 70, Mt 24.

O povo é desafiado a construir o templo 539 a.c. Ed 5, II Cr 36²²⁻²³, Ed 1¹⁻⁴, SI 126, SI 85.

A reação do povo Ed 1⁵⁻⁶.

Os utensílios são devolvidos Ed 1⁷⁻¹⁶.

Decreto sobre medidas e o material Ed 6³⁻⁵.

Daniel na cova dos leões 537 a.c., Dn 6.

Visões de Daniel 537 a.C.

- Três semanas da lamentação Dn 10¹⁻³
 - Visão de um homem vestido de linho Dn 10⁴⁻²⁰
 - A revelação prometida Dn 10²¹
- Revelação acerca do reino futuro Dn 11²⁻⁴⁵, Dn 12

Capítulo 10 – O destino dos judeus nos últimos dias

10¹⁻⁹ – Os acontecimentos desse capítulo ocorreram no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia. Alguns cativos haviam voltado a Jerusalém com a permissão do decreto de Ciro, mas Daniel permaneceu no exílio. Depois de prantear durante 3 semanas, talvez por causa dos relatos desanimadores daqueles que voltaram à terra as obras no templo tinham sido interrompidas, da condição lamentável dos judeus ainda em cativeiro ou do desejo de saber sobre o futuro do seu povo. A margem do grande rio Tigre, ali teve uma visão de um homem glorioso vestido de linho.

10¹⁰⁻¹⁴ – Uma vez explicou a demora da resposta às orações de Daniel. O príncipe do reino da Pérsia.

havia resistido por vinte e um dias - Aqui um poder angelical maligno. A voz também promete revelar coisas que haverão de suceder ao povo nos últimos dias cap. 11-12.

10¹⁵⁻¹⁹ – A experiência deixa Daniel sem força e sem folego, mas o profeta é fortalecido por aquele semelhante a um homem.

10²⁰⁻²¹ – O ser de aparência humana a quem Daniel chama de senhor informa que, antes precisa pelejar contra o príncipe dos Persas, e em seguida combater o príncipe da Grécia, Miguel vosso príncipe é o único que permanece firme com ele nessas batalhas.

Profecias acerca do futuro próximo

1 – A Grécia conquista a Media – Pérsia 11¹⁻³ _ o fortalecimento de Dario no verso.

2 – Trata do poder de quatro reis da Pérsia e da oposição do último da Grécia. Os quatro reis foram: Cambiseo 530 – 522 a.c.; pseudo Esmerdes ou Gaumata 522 a.C., Dario I 522 – 486 a.C. e o quarto rei é Xerxes I (Assuerp) 486-465 que tentou conquista a Grécia em 480. Alexandre o grande foi o rei poderoso que conquistou para a Grécia o domínio mundial, exercido até então pela Pérsia.

11⁴⁻³⁵ – As guerras entre o Egito e a Síria 11⁴⁻²⁰.

Quando Alexandre morreu, seu reino foi repartido em quatro partes: Egito, Síria, Babilônia, Ásia menor e Grécia. O governante do Egito era o rei do Sul, enquanto o governante da Síria – Babilônia, era o rei do norte. Os sucessores de Alexandre não eram de sua posteridade, mas sim, seus generais.

11⁵⁻⁶ – Os versículos 5-35 narram a guerra entre os dois reinos acima, que durou cerca de dois séculos que seria mais forte do ele foi Seleuco I, da Síria. A princípio, os dois eram aliados, mas depois antagonistas. Posteriormente, Berenice filha de Ptolomeu II, se casou com Antíoco II, rei da Síria, afim de reconciliar as duas nações, mas esse estratagemas foi frustrado por uma série de intrigas e homicídios.

11⁷⁻⁹ – Ptolomeu II, irmão de Berenice, atacou com sucesso o reino Seleuco Calinico e voltou para o Egito com cativos e grande despojo. Dois anos depois Seleuco realizou um ataque ao Egito.

11¹⁰⁻¹⁷ – Seus filhos em especial, Antíoco III, foram mais bem sucedidos. Os vs.10-20 relatam as vitórias intercaladas do norte e do sul. O versículo 17 relata o pacto de Antíoco III com o Egito ao dar sua filha Cleópatra (Não a famosa rainha do Egito) em casamento a Ptolomeu V e a deserção de Cleópatra para o lado do Egito.

11¹⁸⁻²⁰ – Quando tentou conquistar a Grécia, Antíoco III foi derrotado pelos romanos em Termópilas e Magnésia e voltou a sua terra natal, onde morrem em meio a uma insurreição. Seu sucessor Seleuco Filopater se tornou conhecido pelos impostos opressores que cobrava da terra gloriosa, Israel. Morreu de forma misteriosa.

11²¹⁻³⁵ – O reinado perverso de Antíoco Epifânio.

11²¹⁻²² – O versículo 21 fala da ascensão de Antíoco Epifânio, O “Chifre pequeno” de Daniel 8. Por

meio de intrigas, esse homem vil, obteve o trono que pertencia por direito ao Sobrinho. Reinos inteiros foram arrasados por seu poder militar, e Onias, o sumo sacerdote judeu, o príncipe da aliança, foi assassinado.

11²³⁻²⁴ – Antíoco firmou um tratado com várias nações, especialmente com o Egito, sempre visando seu próprio benefício. Quando saqueava e conquistava uma província usava os despojos e os bens para aumentar seu poder.

11²⁵⁻²⁶ – Sua campanha contra o Egito recebe destaque, o rei do Sul não conseguiu resistir a Antíoco, em parte por causa da traição de seus próprios súditos.

11²⁷⁻²⁸ – Na sequência os dois reis da Síria e do Egito participaram de conferências hipócritas e enganosas. Quando Antíoco estava regressando a sua terra, atacou Israel onde realizou grande matança e destruição.

11²⁹⁻³¹ – Na campanha seguinte contra o Egito, Antíoco repellido pelos romanos (Navios de Quitim) perto de Alexandria. Ao voltar pela Palestina descontentou sua raiva em Israel, onde contou com a colaboração de alguns judeus apostatas. Interrompeu o SACRIFÍCIO DIÁRIO e ordenou que se colocasse um ídolo no santuário. De acordo com a história profanou o templo ao colocar uma porca sobre o altar. A santa aliança v28,30,32 se refere a fé judaica com ênfase particular no sistema sacrificial.

11³²⁻³⁵ – Essas ofensas ocasionaram a revolta dos Macabeus, liderada por Judas Macabeu (o martelo) e sua família. Os judeus apostatas tomaram partido de Antíoco, mas o povo fiel se mostrou forte e ativo. Foi um período terrível de matança, mas também de esplendor e reavivamento espiritual. A enfermidade e morte de Antíoco IV Epifânio 164 a.c. na Pérsia são representadas como punição divina II Mc 9¹⁻²⁸ e efetivamente não põem fim aos cultos porque seus sucessores continuaram pela dominação da Palestina.

O primeiro livro dos Macabeus, livro apócrifo, é um dos melhores tratados dessa época infeliz.

11³⁵⁻⁴⁵ – Este rei fará segundo sua vontade. O que temos de concreto é que um rei se levantaria, cuja identidade é incerta. Para mim, pela lógica, seria Roma, ou o pequeno chifre de Dn 7 – O imperador Domitianiano (Dn 2⁴⁰⁻⁴⁵) O tema do livro continua reafirmando o controle de Deus sobre os reinos humanos; deus ---- das mulheres – TAMUZ ADÔNIS – deus da vegetação Ez 8¹⁴.

Aplicação: A vida do povo de Deus prossigue e haveremos de seguir pelo caminho traçado para cada um de nós pelo Senhor. Nesta caminhada, precisamos estar

cientes de que os desafios que fugirão a nossa compreensão surgirão. É preciso que me nosso coração repouse a certeza de que o Senhor sempre estará atento.

Capítulo 11 – Antíoco IV Epifânio (Dados arqueológicos)

Governou o reino Selêucida (Sírio) de 175- 164 a.C. Epifânio que dizer: “Manifesto”, e o nome

indica que ele reivindicou sua manifestação terrestre de Zeus. Antíoco tentou unificar seu império impondo a cultura helenística a todos os seus habitantes. Essa política resultou em conflitos violentos como judeus da região conhecida mais tarde como Palestina. A maioria dos estudiosos Bíblicos acredita que Antíoco IV tinha sido o pequeno chifre de Dn 8⁹ e o ser desprezível de 11²¹. Suas relações com os judeus são registradas em I, II Macabeus (livros apócrifos) e são profeticamente descrito em Dn 8^{9-12, 23,25}, 11²¹⁻³⁴. Ele foi infame por estabelecer a adoração pagã no templo de Jerusalém.

Por volta de 174 a.C. Jasão, líder de uma facção favorável aos gregos no sacerdócio de Jerusalém, subornou Antíoco para se estabelecer como sumo sacerdote, e depois disso Jasão dedicou-se a transformar Jerusalém em uma cidade grega (IIMC 4⁷⁻²²). Em 171 a.c., porém, outro homem Menelau por sua vez comprou o sacerdócio de Antíoco, Jasão acreditando que Antíoco havia morrido tomou Jerusalém pela força, porém Antíoco retornou em 169 a.c. e executou um massacre na cidade. Passou então o Egito, mas foi humilhado pelo enviado romano Popileo Lenate e forçado a fazer uma retirada humilhante para o norte. Depois disso esse tirano tentou a todo custo helenizar Jerusalém.

Em 167 a.C., Antíoco enviou seu cobrador de impostos Apolônio a Jerusalém com 22 mil homens. Eles atacaram no sábado, matando a maioria da população masculina e escravizando as mulheres e crianças. Os muros de Jerusalém foram demolidos, e uma guarnição militar posicionou-se diretamente ao sul do templo. Todos os rituais judeus foram proibidos, resultando na cessação do sacrifício divino. Um altar a Zeus foi erguido sobre o altar judaico de ofertas queimadas, e a adoração a Zeus foi instruída no templo. No dia 25 de Dezembro de 167 a.C., um porco foi sacrificado no altar de Zeus – o “sacrilégio terrível de Daniel 9²⁷, 11³¹, 12¹¹”.

Enfurecidos os judeus rebelaram-se contra seus superiores gregos, e sob a liderança de Judas Macabeus, derrotaram os exércitos que Antíoco enviara contra eles. Depois de uma luta de três anos, as forças judaicas obtiveram os concessões

principais dos gregos, e os Macabeus se tornaram de fato os governadores da Judéia. Notavelmente eles purificaram o templo de Jerusalém e restabeleceram o sacrifício diário, um acontecimento comemorado na festa Hanuká. O próprio Antíoco que havia partido para o leste a fim de fazer campanha em Elão, morreu na Pérsia em 164 a.C.

Capítulo 12 – A profecia da salvação do povo fiel no tempo do fim

O livramento do povo de Deus v.1. O autor descortina o futuro, onde o perseguidor será destruído e as forças do mal serão vencidas. Na luta final, intervém Miguel, o anjo que protege o povo escolhido. São forças celestes unindo-se aos fiéis que na terra lutam pela causa de Deus... “e haverá tempos de angustia, qual nunca houve desde que houve nação até aquele tempo” naquele tempo será salvo o teu povo. O povo de Daniel era o povo de Israel, mas a promessa não está limitada à Israel literal. Em nossa época “Os da fé é que são filhos de Abraão (Gl 3⁷) e portanto o Israel de Deus, (Gl 6¹⁶). Todo aquele que for achado isento no livro, desde que estamos pensando

do tempo do fim nossos pensamentos saltam para Ap 21²⁷.

12² – A visão anuncia a libertação de Israel após os horrores levados a efeito por Antíoco Epifânio. Além da ressurreição nacional esse verso, evidentemente mostra que a profecia insinua àquela hora quando Cristo irá chamar Jo 5^{28,2a}, Mt 25³¹⁻⁴⁶.

12³ – Pv 4¹⁸, Mt 13⁴³.

12⁴ – Dt 29²⁹

12⁵⁻⁶ – Leia Daniel ainda estava de pé na margem do rio Tigre, e que os capítulos 10 – 12 abordam uma única visão 10⁵⁻⁶.

Daniel teve a visão do homem vestido de linho. Este estava sobre as águas do rio V.6. E entre os dois personagens da margem do rio, um deles perguntou-lhe.

Quando se cumprirão essas maravilhas?

12⁷ – Agora o véu cai sobre a revelação cumpriu-se no ano 70 e a nação judaica como tal desapareceria.

12⁸⁻¹⁰ – O anjo não ensinou a Daniel do quinto século A.C. os mistérios que nem os cristãos atualmente compreendem.

Duas palavras: Paciência e perseverança nos dias que antecedem a vinda do Senhor v.9.

Não a necessidade de ficar preocupado ICo 15⁵⁸. Muitos serão purificados, embranquecidos v.10 pela vinda do Messias a todos que morrem com Cristo no batismo e ressuscita no Batismo para andar em novidade de vida. Rm 6; At 2.

Não devemos esquecer que a visão de Daniel aponta para o fim do sistema judaico, que ocorreria com a vinda do Messias Ap 22¹¹.

12¹¹ – Esta abominação ainda estava por vir Mt 24¹⁵⁻¹⁸, Jesus usou uma imagem do passado que muito impressionaria os judeus, para avisá-los que provação semelhante estava por vir. Aconteceu na ocasião do ataque furioso das tropas romanas, em 70 D.C. O templo foi destruído e o sacrifício diário foi abolido de novo.

Um tempo, dois tempos e a metade de um tempo v.7. Significa três anos e meio.

Vamos agora a uma nova maneira de dizer a mesma coisa. Um mês lunar tinha trinta dias – Doze meses desses não completariam um ano normal, por isso em algumas vezes um decimo terceiro mês era acrescentado ao ano. Três anos e meio terão 1290 dias se um desses anos tiver 13 meses.

12¹² – São 45 dias, um mês e meio, mais do que 1290 dias mencionados no V11? Devemos esperar e ver.

12¹³ – Para Daniel, foram momentos de expectativas, tensão, medo, enfermidade, desmaios, falta de força, paciência e situações sobre humanas, e lhe garantindo que sempre achará um caminho à sua frente. A mensagem é de conforto. Daniel deveria continuar na sua missão profética até que o senhor queira. Depois sim haverá descanso. II Pe 1⁵⁻¹¹.

Apêndice – Os Selêucidas.

Depois da morte de Alexandre o grande seu sólido império foi dividido entre seus generais, que competiam pelo poder. Um dos principais vencedores foi Seleuco I, 358 a.C. que tomou o controle de um domínio centralizado na Síria. Sua dinastia – os Selêucidas – governou ali de 321 a 64 a.C.

1 – Seleuco I Nicator – Reinou de 312 a 281 a.C.

Amigo de infância de Alexandre tomou o controle da Babilônia. Um general grego rival Antígono Morafalmo, forçou-o a refugiar-se no Egito com outro general grego, Ptolomeu I. Seleuco retornou ao poder na Síria e Babilônia e 312 a.C. Em 301 a.C., mudou sua capital para o oeste, para a Antioquia da Síria, cidade que havia fundado pelos termos de um tratado de paz, teria direito ao controle da Palestina – da qual Ptolomeu recusou-se a abdicar. Depois disso os Selêucidas passaram a considerar a Palestina legalmente sua.

2 – Antíoco I Sota, reinou de 281 a 281 a.C. Filho de Seleuco I, disputou com Ptolomeu II do Egito o controle da Palestina e da Anatólia (Turquia).

3 – Antíoco II Theos, reinou de 261 a 246 a.C. Esse governante obteve êxito contra Ptolomeu na luta contínua pelo controle de Anatólia. Ptolomeu persuadiu-o a casar-se com sua filha Berenice, união que causou dificuldades dinásticas entre os selêucos. A primeira esposa selêucida Laodece, estabeleceu uma corte rival em Éfeso e, depois da morte de Antíoco, assassinou Berenice e seu filho. Isso resultou na retomada da guerra entre os selêucidas e os Ptolomeu estes agora sob o controle de Ptolomeu III, irmão de Berenice. Antíoco II é o rei do norte de Dn 11⁶.

4 - Seleuco II Calenico 246 a 225 a.c. Filho de Antíoco II e Laodice, seu reinado começou com a guerra contra Ptolomeu III. Durante sua vida. O império Selêucida quase entrou em colapso.

5 – Seleuco III Soter – 225 a 223 a.c. seu breve reinado focou-se numa campanha fracassada para recuperar o controle de Anatólia.

6 – Antíoco III, o grande (223 a 187 a.c). Filho mais jovem de Seleuco II, foi o rei guerreiro mais prospero dos selêucidas. Começou os combates no sul na Palestina contra os Ptolomeu, mas foi contido em Rafia por Ptolomeu IV, tem 217 a.c. Retornando para o oriente, venceu a Bastira e a Pastia. Numa nova guerra contra os Ptolomeu, agora sob o controle da Palestina, em 200 a.c., e em seguida tratou de recuperar Anatólia. A guerra começou entre Roma e os Selêucidas e Antíoco III foi derrotado em várias batalhas. Antíoco III é o rei do norte em Dn 11^{11 - 13}.

7 – Seleuco IV Filopator 187 a 175 a.c. Filho de Antíoco III, seu reinado foi dificultado por pressões financeiras pelos pagamentos de pesados tributos a Roma.

8 – Antíoco IV Epifânio (175 – 164 a.c.) Filho mais jovem de Antíoco III, um usurpador de trono, após o assassinato de Seleuco IV, Antíoco foi o mais infame dos selêucidas.

Tentou extirpar o judaísmo e substituí-lo pela cultura helenística. Suas atrocidades estão registradas no livros apócrifo de II MC 5. Seu governo opressor incitou uma rebelião judaica, a revolta dos macabeus. Antíoco Epifânio quase conquistou o Egito em 168 a.c., mas retrocedeu quando o romano Popílio Laterra o advertiu a não prosseguir.

9 – Antíoco V Eupáter 164 – 162 a.c. Dois homens Filipe e Lésias, disputaram o controle sobre esse menino durante o seu breve reinado. A confusão deixou

abertura para os macabeus contra os gregos. Embora não plenamente bem sucedidas, conquistaram concessões religiosas.

10 – Demétrio I Sóter 16-150 a.c. Filho e Seleuco IV, matou Filipe e Lésios e assumiu o trono.

As guerras com os judeus continuaram, Judas Macabeus foi morto na batalha e substituído pelo seu irmão Jonatas, que derrotou os selêucidas.

Desde de então, o poder selêucida enfraqueceu continuamente. Um usurpador chamado Alexandre Balos competiu de forma ineficaz ao trono selêucida. Demétrio II, filho de Demétrio I, tomou o poder e o governou de 145 a 140 a.c., aproximadamente, e outra vez cerca de 129 a 125 a.c. (entre os dois períodos ele foi prisioneiro dos portos). Enquanto isso, Antíoco VI, Epifanio – Dionísio (filho de Alexandre Balos) Antíoco VII, Sídetes (irmão de Demétrio II e Trifas – outro usurpador) disputaram o trono.

Essa situação tornou os judeus influentes, demonstrando quanto os selêucidas haviam declinado. O último governante selêucida foi Antíoco VIII –Asiático (69 -64 a.c.). No último ano de seu reinado Pompeu o grande, tornou o Sena uma província romana.

Divindades Greco Romanas		
Afrodite	Vênus	deusa do amor
Apolo	Sol (Hélio)	deus pastor, deus sol; associado a poesia , e a musica, a profecia e a caça
Ares	Marte	deus da guerra, associado a agricultura Areópajo (Colina da morte) At 17 ²²
Artêmis	Diana	deusa da fertilidade At 19 ²²⁻⁴⁰
Asdepio		deus da medicina
Atenas	Minerva	deusa da sabedoria, fertilidade, guerra, guardiã de Atenas
Cronos	Saturno	Pai de Zeus, agricultura
Dice		justiça AT28 ⁴
Demeter	Ceres	deusa do milho, guardiã do casamento.
Dionísio	Baco	deus frígio , associado com a natureza, o vinho e a orgia.
Hades	Plutão	deus do mundo inferior
Hefesto	Vulcano	deus do fogo, patrono dos artesões
Hera	Juno	deusa das mulheres
Hermes	Mercúrio	deus dos mensageiros At 14-12
Hestia	Vesta	deusa do fogo patrono virgens vestais.
Pan	Fauno	deusa carneiro dos portões
Poseidon	Netuno	deus das águas
Prometeu		deus do fogo, criou o homem a partir do barro
Tiche	Fortuna	deus do destino
	Júpiter	deus do céu controlador do clima soberano de todos os deuses e homens
Zeus	Cibebe	mãe terra
	Imperador	Júlio César, Augusto César foram divinizados depois da morte: Calígula, Nero, Dominiciano exigiram adoração enquanto eram vivos.

ZOOANTROPIA

A palavra zooantropia é algumas vezes usada para a ilusão de que uma pessoa se transformou em um animal qualquer. Os psiquiatras conhecem este tipo de doença que diagnosticaram como uma condição paranoica de carácter esquizofrénico. O psiquiatra Zilboorg relata numerosos casos deste comportamento entre o século III e o século XVII (M. Benezech, *Annales médico-psychologiques*, vol. 147, n4, 1989, p.468.) .

Muito rara e muito estranha esta doença, não deixa de ser conhecida mundialmente. Nos nossos dias, ela praticamente desapareceu nos países industrializados onde ela recebe um tratamento adequado e eficaz, são, no entanto, encontrados casos na China, Índia, África e América do Sul. Recentemente foi registada alguns casos em hospitais de Paris e Bordéus (J.P. Boulhaut, *Lycantropie et pathologie mentale*, These, Université de Bordeaux II, 1988.).

Os sintomas são sempre os mesmos. O doente imagina ver e ser um lobo (licantropia), ou um boanthropie), ou um outro animal (cão, leopardo, leão, serpente, crocodilo) e comporta-se como tal até nas situações mais íntimas. A ilusão do doente é tão poderosa que afeta a sua psicologia. Em um momento de lucidez, ou em retrospectiva, um paciente relata que algumas vezes se sente ou se sentiu como um animal.

Um paciente se comporta de uma maneira que se assemelha ao comportamento de um animal, por exemplo, gritando, rosnando ou rastejando.

De acordo com esses critérios, ou a crença ilusória na transformação atual ou passada, ou o comportamento que sugere que a pessoa se crê transformada, é considerado evidência de licantropia clínica. Os psiquiatras têm relatado um caso recente de uma mulher de quarenta e nove anos que se comportava já de forma crónica como um lobo. Quando se olhava ao espelho, afirmava ver "a cabeça de um lobo no lugar do seu próprio rosto, arrotava e grunhia como um lobo gemia e rugia como um animal." (H.A. Rosentock, "A case of Lycanthropy", in *American Journal of Psychiatry*, 1977, vol.134, nº 10, p.1148.).

A crer no testemunho dos historiadores de psiquiatria, esta doença estranha sempre existiu e pode ainda ser observada nos nossos dias. No que concerne a Nabucodonosor, era que as crónicas oficiais não transbordassem os muros do

palácio. De qualquer modo o texto de Daniel foi corroborado por um certo número de fontes extra-bíblicas.

Três séculos depois da morte de Nabucodonosor, o sacerdote de Babilônia Bérose conta que no final de 43 anos de reinado "Nabucodonosor ficou doente enquanto estava ocupado na construção de um muro (...) depois morreu." (Flávio Josefo, Contra Apion I, 20). Esta associação da doença do rei e da construção lembra a narração bíblica. Por outro lado, esta menção da doença antes da morte deixa perceber que se tratou de uma doença invulgar; de outro modo não seria referenciada, porque é normal que a morte seja precedida pela doença.

Por fim, uma descoberta recente de um texto em cuneiforme veio confirmar o relato bíblico. Em 1975, o arqueólogo A.K. Grayson descobriu na Assíria um texto em cuneiforme que se encontra no Museu Britânico (BM 34113=sp213), este faz alusão às perturbações mentais de Nabucodonosor. É aí relatado que durante um certo período de tempo a "sua vida lhe pareceu sem valor" ... "ele dava ordens contraditórias e confusas" ... e perdeu a capacidade de manifestar afeição por seu filho e filha, nem sequer reconhecia os que o rodeavam ou os que o dirigiam. "(A.K. Grayson, *Babylonian Historical-Literary texts*, Toronto/Buffalo, 1975, pp. 87-92. A considerar o testemunho da história e os diagnósticos em psiquiatria, o texto de Daniel é incontestável.

Fatores neurológicos:

Um fator importante podem ser as diferenças ou alterações nas partes do cérebro reconhecidamente envolvidas na representação da forma corporal (propriocepção, imagem corporal). Um estudo de neuroimagem [5] de duas pessoas diagnosticadas com licantropia clínica mostrou que essas áreas do cérebro apresentavam ativação incomum, sugerindo que, quando as pessoas mencionavam que o seu corpo estava mudando de forma, elas podiam estar percebendo genuinamente tais sensações. Distorções da imagem corporal não são incomuns em episódios de doenças mentais ou neurológicas, portanto isso pode ajudar a explicar o processo, ao menos parcialmente. Uma questão intrigante é o porquê uma pessoa afligida não relatar simplesmente que o seu corpo "parece estar mudando de formas estranhas", ao invés de apresentar a ilusão de que estão se transformando em um animal específico. Há muitas evidências de que a psicose é mais do que apenas

experiências perceptivas estranhas, portanto talvez a licantropia seja o resultado dessas experiências corporais inusitadas sendo compreendidas por uma mente já confusa, provavelmente filtradas através da lente de tradições culturais e ideias.

A doença do rei não tem só um carácter simbólico, ela realmente existiu.

Bibliografia

1 – Bíblia de estudo arqueológica
N.V. I editora vida

2 – Comentário Bíblico Popular
William Mcdonald

3 – Bíblia de estudo para grupos pequenos, comunhão, crescimento.
N.V. I editora Palavra – Brasília.

4 Bíblia de estudo Almeida Revista e Atualizada

5 Livros apócrifos
I e II Macabeus

6 – Apostila o Livro de Daniel
Por Antônio Roberto Andrade

7 – Estudos no livro de Daniel
Antônio Neves de Mesquita JUERP

8 – Como ler o livro de Daniel Reino de Deus X imperialismo
Ivo Storniolo - Paulus

Visite o nosso site: www.institutoech.com.br